

Swami Vivekananda: intelectual e mediador cultural

Raphael Lugo Sanches*

Resumo: Vivekananda foi um monge indiano que viveu ao longo do século XIX, vivenciou o domínio colonial inglês sobre a Índia e a consequente intensificação do deslocamento de pessoas da metrópole para a colônia, bem como o fluxo contrário. Os séculos XVIII e XIX são entendidos por alguns intelectuais como sendo um período de aumento do interesse ocidental pela cultura religiosa do oriente. Nesse ponto, a ida de Vivekananda para os Estados Unidos da América em 1893 e, posteriormente, para alguns países europeus, é emblemática e sua trajetória pessoal nos dá indícios de como esses encontros culturais se deram, em especial ao longo do século XIX. Nesse artigo, analiso a atuação do swami em terras estrangeiras, como um intelectual e mediador cultural, responsável por criar uma via de comunicação entre oriente e ocidente.

Palavras-chave: Vivekananda; Intelectual; Parlamento; Mediação cultural; Índia; Estados Unidos da América.

Swami Vivekananda: intellectual and cultural mediator

Abstract: Vivekananda was an Indian monk who lived throughout the 19th century, Vivekananda was an Indian monk who lived throughout the 19th century, experienced English colonial rule over India and the consequent intensification of people from the metropolis to the colony, as well as the opposite flow. The 18th and 19th centuries are understood by some intellectuals as being a period of increased Western interest in the religious culture of the East. At this point, Vivekananda's move to the United States of America in 1893 and later for some European countries is emblematic and its personal trajectory gives us indications of how these cultural meetings took place, especially throughout the 19th century. In this article, I analyze swami's actions in foreign lands, as an intellectual and cultural mediator, responsible for creating a path of communication between east and west.

Keywords: Vivekananda; Intellectual; Parliament; Cultural mediation; India; United States of America

* Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Ao ocidente, o oriente

Muitos estudiosos elegem o marco de 1893 como sendo o início da ocidentalização do yoga, quando o monge indiano, Swami Vivekananda, o apresentou ao público ocidental no Parlamento Mundial das Religiões, em Chicago (Strauss, 1997; Almeida, 2003). Ao ir para a América do Norte, Vivekananda foi com um propósito: representar o hinduísmo e a Índia em terras estrangeiras e de alguma forma buscar auxílio material para sua terra natal. Para ingressar no Parlamento Mundial das Religiões era necessário que se enquadrasse em uma vertente religiosa e, por isso, ele foi inscrito como delegado responsável por representar o hinduísmo.

Analisando suas palestras e seus escritos durante sua permanência na América do Norte, vemos que embora tenha abordado o yoga, seu tema central foi o vedanta¹ e aquilo que ele denominou de religião universal, ou seja, uma visão ecumênica que preconizava o respeito e a tolerância entre os diversos credos e que tinha como diretriz a realização de deus através do serviço aos homens. Por estar em uma nação predominantemente cristã, em diversas ocasiões o monge indiano buscava explicar sua doutrina por intermédio das escrituras bíblicas. Vivekananda palestrou incessantemente nos mais diversos lugares durante sua permanência nos Estados Unidos da América. Depois, repetiu a experiência em alguns países europeus.

Vivekananda foi “um monge indiano discípulo de mestres responsáveis pela disseminação da corrente neo-hinduísta que procurava ocidentalizar a Índia e, simultaneamente, dar a conhecer ao Ocidente o saber indiano” (Almeida, 2003: 57). Em seus discursos é possível detectar influências do movimento de “modernização” da Índia que se iniciou no século XVIII, que postulava uma reinterpretação do hinduísmo, buscando uma dissociação da sua natureza mística e litúrgica, dando-lhe um caráter mais científico e racional.

¹ É “a tradição filosófica predominante no Hinduísmo, que ensina que a realidade é não-dual (advaita)” (Feuerstein, 2006: 547).

Nesse sentido, as reflexões do crítico literário Edward W. Said sobre as "representações do intelectual" nas conferências Reith de 1993, nos permitem olhar para a trajetória do swami como um *intelectual* e *mediador cultural* responsável por aproximar valores religiosos cristãos, hindus e de outras religiosidades, bem como intermediar o fluxo de ideias e de pessoas entre o oriente e o ocidente.

O binário oriente-ocidente tem sido utilizado há anos para designar generalizações geográficas e culturais. Palavras movediças aos percursos da história, oriente-ocidente são categorias discursivas criadoras de identidades e representações do *eu* e do *outro*. Desde a antiguidade, povos do oriente e do ocidente efetivaram trocas comerciais e culturais, contudo, nem sempre esses contatos propiciavam o conhecimento do outro. Muitas vezes, oriente foi uma categoria utilizada no discurso ocidental para descrever o seu justo oposto, já que na retórica da alteridade "dizer o outro é anunciá-lo como diferente" (Hartog, 1999: 229).

Com Swami Vivekananda não foi diferente, vemos nos seus escritos a utilização corrente do binário oriente-ocidente para se referir respectivamente a sua própria cultura e à cultura do outro. No seu caso, o *outro-ocidental* designa os países europeus e os Estados Unidos da América, ao passo que o *eu-oriental* compreende o subcontinente indiano. Mesmo antes de viajar para o ocidente, Vivekananda já se valia desses conceitos, mas vemos que após sua viagem, o uso vai sendo mais refinado e especificado, de maneira que a experiência o faz distinguir aspectos particulares de cada cultura, como comportamentos sociais, etiqueta, hábitos alimentares, hospitalidade com o estrangeiro, desenvolvimento econômico e material e, é claro, religiosidade. É fato que a experiência de viagem não só substantivou seu entendimento sobre o ocidente, como também sobre sua cultura nativa e sobre o que entendia por oriente.

Vivekananda viveu ao longo do século XIX e pode participar de um tempo em que o contexto colonial propiciou o deslocamento de pessoas da metrópole inglesa para a colônia indiana, assim como o fluxo contrário. Os séculos XVIII e XIX são entendidos por alguns intelectuais como sendo um

período de intensificação do interesse ocidental pela cultura religiosa do oriente (Campbell, 1997; Barroso, 1999; Almeida, 2003; Nunes, 2008). Nesse ponto, a ida de Vivekananda para os Estados Unidos da América e, posteriormente, para alguns países europeus, é emblemática e sua trajetória pessoal nos dá indícios de como esses encontros culturais se deram, em especial ao longo do século XIX. Vale dizer que esse interesse pela cultura do outro nem sempre foi motivado pela sede do conhecimento, muitas vezes, conhecer o outro foi um embuste de uma dominação política. Dessa maneira, o orientalismo tornou-se uma disciplina acadêmica e o tema da orientalização e da ocidentalização, uma pauta nas discussões².

Evidentemente, esses contatos, essas trocas e essas hibridações culturais ocorrem há séculos, contudo, durante o século XVIII e na passagem do século XIX para o XX, nota-se um relevante interesse ocidental pelas tradições religiosas hindus (Campbell, 1997). Tais indícios podem ser notados nos movimentos culturais ocorridos em alguns países da Europa e da América do Norte, como o Romantismo e o Transcendentalismo.

Concomitante a essas apropriações de elementos da cultura hindu pelo ocidente, a Índia passava por transformações políticas e culturais ao tornar-se colônia da coroa britânica a partir de 1858. A presença dos ingleses em território indiano trouxe mudanças políticas, mas também ocasionou reformulações na tradição religiosa hindu. De maneira que aquilo que denominamos de "tradição hindu" ou "hinduísmo" é uma visão atualizada e revisada, fruto do Renascimento Hindu iniciado no século XIX, tendo como centro de origem e difusão a cidade de Calcutá, cidade natal de Vivekananda.

² Já em 1978, o crítico cultural e literário Edward Said publicou o seu livro *Orientalismo: a invenção do Oriente pelo Ocidente*. Em sua obra, criticou os trabalhos acadêmicos dos "orientalistas" europeus e norte-americanos, considerando-os instrumentos do poder imperial. Em função de sua ascendência palestina, dedicou-se especialmente em compreender como o conhecimento europeu sobre o Oriente Médio e o Islã foi produzido ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX. Para Said, o orientalismo moderno teria surgido no final do século XVIII, enquanto uma disciplina associada ao projeto de expansão imperialista sobre o oriente, ou seja, uma visão política da realidade, promotora da diferença entre o familiar (Europa, ocidente, nós) e o estranho (oriente, leste, eles) e criadora de uma imagem que homogeneizava as características culturais do outro. Além disso, para ele os trabalhos desses orientalistas não eram pautados na busca de uma verdadeira compreensão da cultura do outro, mas em uma projeção de seus próprios estereótipos e preconceitos no oriente.

Embora o ano de 1858 seja um marco inicial da colonização inglesa sobre a Índia, a presença britânica na Bengala antecede pelo menos cem anos, quando, em 1757, a Companhia Britânica das Índias Orientais estabeleceu seu domínio na região através de um episódio que ficou conhecido como Batalha de Plassey. Calcutá tornou-se a sede da Companhia e sua estrutura econômica e política foi toda reorganizada em função desta "relação comercial" imposta pelo domínio britânico. A presença missionária ocorreu a partir de 1813 e deu origem aos movimentos de contestação religiosa, produzindo figuras como Rammoham Roy.

O Renascimento Hindu foi uma consequência e uma resposta à intervenção missionária britânica. Rammoham Roy (1772-1833), o "profeta da Índia moderna", é considerado o precursor desse movimento. Foi um brâmane bengali conhecedor dos idiomas sânscrito, persa, árabe e mais tardiamente, do inglês. Responsável por iniciar um diálogo entre a "religiosidade indiana e a visão cristã do ocidente", defendeu a necessidade de resgatar uma concepção monoteísta na teologia hindu, já presentes em textos como o *Vedanta Sutra* e algumas *Upanishads*. Em Calcutá, foi responsável por criar o *Atmiya Sabha* (1815-1823), um círculo promotor de discussões filosóficas, do pensamento livre e da reforma social, que reuniu notáveis eruditos da época³ (Silveira, 1999: 1).

Em 1820, Roy publicou "The precepts of Jesus: the guide to peace and happiness", onde apresentou os ensinamentos éticos de Jesus extraídos dos quatro Evangelhos. O texto foi uma resposta às opiniões de Joshua Marshman (1768-1837), missionário inglês radicado por longos anos em Serampore, na Índia. A este é creditada a tradução da Bíblia para diversas línguas indianas, bem como a tradução para o inglês de textos clássicos da literatura indiana, tais como o *Ramayana of Valmeeki* (1806), embora tenha se empenhando mais em estudar a cultura chinesa, tendo publicado em 1817 a primeira tradução da Bíblia para o mandarim. No ano seguinte, juntamente

³ São eles: Dwaraka Nath Tagore, Prasanna Coomar Tagore, Nanda Kishore Bose, Brindaban Mitra, Sivaprasad Misra, Hariharananada Tirthaswami (Pruthi, 2004).

de outros missionários cristãos, fundou o *Serampore College*, voltado para a instrução de jovens asiáticos, cristãos (e outros) na literatura oriental e na ciência europeia (Smith, 2011: 413).

Voltando a Roy e sua contribuição para o Renascimento Hindu, seus comentários aos ensinamentos cristãos e suas críticas à "doutrina da Santíssima Trindade" proporcionaram-lhe apoio e aproximação de seitas unitaristas inglesas e norte-americanas. Contudo, sua proposta de um hinduísmo monoteísta, não idólatra, com menos ritualística e superstições, bem como suas críticas ao tradicional sistema de castas e ao costume de sacrifício das viúvas praticado por algumas comunidades hindus (*sati*⁴), deram forma a um movimento com conotações próprias, o *Brahmo Sabha*. Posteriormente, sofreu cismas que resultaram em movimentos religiosos distintos.

Embora Roy seja lembrado como precursor na fundação de movimentos religiosos "neo-hindus" e promotor da "secularização da cultura hindu", três anos depois de fundar o *Brahmo Sabha* ele viajou para a Inglaterra na condição de embaixador do imperador mongol Akbar Shah II e nunca mais retornou a sua terra natal. Seu objetivo era defender a manutenção da proibição do *sati* que estava sendo questionada por setores mais conservadores da sociedade indiana junto à autoridade britânica. O "profeta da Índia moderna" residiu por três anos entre os britânicos, quando contraiu uma meningite e veio a falecer na cidade de Bristol, em 1833. Em 1997, esta cidade homenageou sua contribuição como reformador político e religioso, erigindo uma estátua no *College Green*, perto da catedral de Bristol.

Brahmo Samaj: comunidade de adoradores de Brahman⁵

⁴ Roy escreveu alguns panfletos denunciando tal costume, sobretudo, a partir de 1820, quando atuou como criador e editor de periódicos indianos, entre eles o *Sambad Kaumudi*, um jornal semanal bengali onde publicou diversos ataques ao *sati* e veiculou seus ideais de reforma ao hinduísmo. Tal costume foi proibido legalmente em 1829, por influência de seus protestos. Também usou esses periódicos para clamar contra a censura e falta de liberdade de expressão impostas pelo governo britânico à imprensa de Calcutá, em 1823 (Mehrotra, 2003: 35).

⁵ "Segundo o Vedanta, o Absoluto; o fundamento transcendente da existência, distinto de Brahma, o Criador" (Feuerstein, 2006: 540).

A instituição fundada por Rammoham Roy levava o nome de *Brahmo Sabha* e só em 1843, dez anos após sua morte, teve seu nome alterado para *Brahmo Samaj*, quando Debendranath Tagore assumiu sua liderança. Contudo, há quem eleja o marco de 1830 para sua criação, acrescentando como cofundador o nome de Dwarkanath Tagore, pai de Debendranath e avô do poeta e prêmio Nobel Rabindranatha Tagore (Àlvarez, 2011: 1). Segundo Àlvarez, a primeira assembléia (ou *Brahmo Sabha*) da sociedade nascente ocorreu em 20 de agosto de 1828, na casa de Feringhee Kamal Bose, em Calcutá.

Trata-se de um movimento que geralmente é situado como parte do Renascimento Hindu (ou bengali), com um notável reavivamento no campo da religião, da política e da educação; uma manifestação de autodefesa e fortalecimento contra a britanização e ocidentalização do país (Àlvarez, 2011, p. 1). A partir do *Brahmo Samaj* surgiu o *Brahmoismo*, uma espécie de *Brahmanismo* reformado e modernizado. Tal reforma incluía a introdução de elementos da religiosidade judaica e mulçumana. Essa renovação na religiosidade hindu segue vigente e é hoje uma das formas de prática religiosa mais reconhecida do hinduísmo moderno. Àlvarez explica que:

el *Brahmoismo* más allá de reformar y retoñar espiritualmente al hinduismo fue una integral refundación de la civilización hindú que, como se dijo, se esforzaba por oponerse a la pretensión occidental – consciente o inconsciente, de modificar las culturas del Oriente (Àlvarez, 2011: 1).

O movimento parece nunca ter tido uma unidade doutrinária, sua constituição se dava através de encontros regulares para a leitura, discussão das *Upanishads*⁶ e entonação de cantos sagrados (mantras), que na tradição hindu são chamados de *Satsangas*. Com a ida de Roy para a Inglaterra e sua morte em 1833, os encontros decaíram e o movimento passou por um período de esquecimento e falta de adesão de novos membros. Foi em 1839

⁶ Literalmente, “sentar-se perto”. É um “tipo de texto sagrado esotérico hindu que expõe a metafísica do não-dualismo (Advaita Vedanta); esses textos são considerados a última fase da revelação (shrti) védica” (Feuerstein, 2006: 546).

que Debendranatha restabeleceu a assembleia (*Sabha*) e a intitulou de *Tattwabodhini Sabha* (Assembléia dos Buscadores da Verdade).

Silveira (1999: 2) diz que seus "adeptos eram instruídos tanto nos princípios hindus quanto nos cristãos" e que Tagore foi responsável por quase criar um cisma no movimento quando, em 1866, passou a defender o culto a Chaitanya Bhakti⁷, em contraponto ao que era defendido por outro reformador vedantista, Keshab Sen. Este, "via no Vedanta Sutra o correspondente hindu à Bíblia e ao Alcorão, e no sentimentalismo da Chaitanya *Bhakti*, o grande obstáculo ao sucesso de suas reformas religiosas" (Silveira, 1999: 3). Tagore passou a defender o movimento de Sri Chaitanya, resgatando e introduzindo o *Hari nama sankirtana* em suas práticas devocionais,

[...] percebendo o potencial de transformar o *Brahmo Samaj* num movimento de massas que respondesse aos anseios de uma "modernização nativa" dentro da Bengala. Graças a tal mudança de ênfase, elaborada principalmente por Bijay Krishna Goswami, filho de um sacerdote vaishnava, o *Brahmo samaj* conquistou uma parcela da juventude da época, ansiosa por encontrar uma mediação entre os novos valores aprendidos nas escolas britânicas e os valores familiares da cultura bengali (Silveira, 1999: 3).

Através do Brahmo Samaj, foi promovido um movimento neo-Krishna, "um Vaisnavismo modernizado" que defendia a ideia na qual Krishna e o Bhagavad Gita eram entendidos como correspondentes de Jesus Cristo e os seus evangelhos. Silveira (1999: 3) afirma que "foram Keshub Sen e Bijay Krishna que promoveram a passagem do evangelismo vedantista de Rammoham Roy ao renascimento da Chaitanya Bhakti, em meados do século XIX". E lembra que "eles chegaram até a introduzir o *Hari nama sankirtana* na Igreja cristã da Bengala" (idem).

Keshub Sen é lembrado como sendo o líder mais carismático de sua geração. Não era brâmane por nascimento, mas pertencia a uma influente

⁷ Chaitanya Mahaprabhu (1486-1534) foi um propagador da tradição de Bhakti Yoga. É lembrado, sobretudo, por ter sido o propagador do mantra Hare Krishna e ser considerado por seus devotos como a encarnação e personificação de sri Krishna.

família de vaishnavas ortodoxos de Calcutá. Não obstante seu carisma, Sen foi alvo de críticas por se colocar como um novo Chaitanya, "um avatar de Visnu". Isso o levou a tomar caminhos distintos e inaugurar uma "nova religião mundial", a *New Dispensation*,

na qual substituiria a ideologia da salvação espiritual por uma "religião científica" voltada para o mundo moderno. Ele chegou a realizar um festival anual em louvor de Auguste Comte, embora sem abandonar a execução do *Hari Nama Sankirtana* pelas ruas de Calcutá, com seus címbalos e tambores (Silveira, 1999: 4).

Portanto, o movimento que se convencionou chamar de *Brahmo Samaj* foi um misto de diferentes perspectivas que possuíam em comum a contestação a alguns valores instituídos no hinduísmo e seu propósito de reformá-lo. Nesse contexto de críticas à postura adotada por Sen, destaca-se a popularização de Sri Ramakrishna e seus ensinamentos, que também havia sido muito influenciado pelas práticas devocionais de Sri Chaitanya. Ramakrishna foi considerado por muitos "como um autêntico santo vaishnava, uma reencarnação de *Gadadhara*, discípulo de Sri Chaitanya". Seus seguidores consideravam seus ensinamentos como um caminho de autorrealização adequado à "Índia ocidentalizada". Seus ensinamentos enfatizavam a devoção pessoal, "numa *Bhakti* bastante individualista, que servia de complemento espiritual à vida burguesa dos jovens de Calcutá" (Silveira, 1999: 5). Sua marca registrada passou a ser a busca por uma devoção baseada na unidade de todas as experiências religiosas. Veremos mais adiante que seu principal discípulo, Swami Vivekananda, adotou e propagou essa perspectiva ao se destacar no Parlamento Mundial das Religiões.

Para Silveira (1999) o Parlamento foi o coroamento do Renascimento Hindu, onde Vivekananda expôs a síntese de todas essas transformações ocorridas no hinduísmo ao longo das décadas que o antecederam. O antropólogo aponta Vivekananda como sendo a síntese do diálogo inter-religioso ocorrido nesse evento e chega a afirmar que o Renascimento Hindu de Calcutá "termina com a morte de Vivekananda, aos 40 anos, em 1902,

fechando um ciclo de sete décadas, de profundas transformações culturais" (Ibid, 1999: 6).

Narendra Natha Dath

Sobre a vida e a obra de swami Vivekananda, hoje dispomos de muito material textual e audiovisual. Suas aulas e palestras, sobretudo nos Estados Unidos da América, foram gravadas e transcritas, o que constitui uma vasta série documental em relação as suas ideias e a sua trajetória. Nesse sentido, dispomos também da obra *The Complete Work of Vivekananda*, que é uma reunião de seus textos, cartas, palestras e matérias jornalísticas em nove volumes que compõem um total de aproximadamente cinco mil páginas. As primeiras edições apareceram no início do século XX, contendo menos volumes. Na década de 1990 surgiram edições que já continham os nove volumes. Em 2006 foi lançada uma versão digital viabilizada pelas instituições fundadas pelo próprio Vivekananda e que ainda estão em funcionamento: *Ramakrishna Math* e *Ramakrishna Mission*. Em 2017 e 2018, a editora canadense *Kobo Editions*, publicou versões digitais dos nove volumes. Em português dispomos da obra "Vivekananda - professor mundial", de Swami Adiswarananda, publicada em 2007, que reuniu algumas de suas palestras, cartas e matérias jornalísticas. Ao longo do século XX, surgiu uma diversidade de representações literárias biográficas e audiovisuais a seu respeito⁸. A maior parte dessa produção está imbuída de uma perspectiva hagiográfica e, portanto, carrega um tom devocional em sua redação.

⁸ Fiz um levantamento de pelo menos quatorze obras que tratam de Vivekananda por um viés biográfico. A seguir, apresento-as por ordem de publicação: *The Master as I Saw Him: The Life of The Swami Vivekananda* (Nivedita, 1910); *The life of Swami Vivekananda: by his Eastern and Western Disciples* (1912); *La vie de Vivekananda et l'évangile universel* (Romain Rolland, 1930); *The short life of Vivekananda* (Swami Tejasananda, 1940); *Vivekananda: a Biography* (Swami Nikhilananda, 1953); *Swami Vivekananda in the West: new discovery* (SisterGargi, 1957); *Swami Vivekananda on himself* (Swami Sambudhdhananda, 1963); *Life and Philosophy of Swami Vivekananda* (Banhatti, 1989); *Swami Vivekananda: the friend of all* (Swami Lokeswarananda, 1991); *The monk as man: The Unknown Life of Swami Vivekananda* (Shankar, 2011); *Glimpses of Swami Vivekananda's Heroic Struggle* (Swami Tathagatananda (2012); *The Ships of Vivekananda* (Somenath Mukherjee, 2013); *Spiritual Master: Swami Vivekananda* (Prema Nandakumar, 2014); *Cronological Account of the Events in the Parivrajaka Life of Swami Vivekananda (July 1890 - May 1893)* (Shyamali Chowdhury, 2015).

Swami Vivekananda é o nome que Narendra Natha Dath assumiu ao aportar da Índia para os Estados Unidos da América, em 1893, quando participou do Parlamento das Religiões, em Chicago, como representante do hinduísmo. O Parlamento foi organizado⁹ na ocasião da Exposição Universal Colombiana, que celebrava os 400 anos da chegada de Cristóvão Colombo à América. É celebrado como sendo o primeiro Parlamento Mundial das Religiões e ocorreu entre os dias 11 e 27 de setembro. Vivekananda foi um intelectual e mediador cultural entre o oriente e o ocidente¹⁰, um agente promotor da circulação e da (re) significação de ideias religiosas e espirituais da Índia na América do Norte, fazendo uma ponte entre esses sistemas culturais (Soares, 2011). O anseio de aproximar o oriente e o ocidente tem muito a ver com sua trajetória de vida e com seus ideais, em especial, com a ideia de religião universal e unidade das crenças religiosas.

Narendra Natha Datta nasceu no dia 12 de janeiro de 1863, em Calcutá, na Índia. Filho de um advogado renomado que apreciava a cultura islâmica e a música clássica indiana e de uma mãe bastante devota e conservadora na tradição hindu, Narendra estudou no *Metropolitan Institution*, onde se dedicou especialmente às atividades esportivas, tanto quanto aos estudos, tendo se dedicado à ginástica, luta romana, esgrima e jogos com bastão. cursou o ensino superior na Universidade de Calcutá, onde, dentre vários assuntos, aprendeu sobre a cultura ocidental, da qual passou a ser admirador.

Narendra é corriqueiramente representado como possuidor de um espírito inquiridor e questionador desde a juventude (Nikhilananda, 1953), período em que teria passado por uma crise espiritual, tomado por dúvidas sobre a existência de deus. Seu pai apreciava a diversidade de crenças, sendo leitor assíduo do Alcorão, da Bíblia e do Bhagavad Gita¹¹. Narendra cresceu

⁹ Foi uma iniciativa da organização cristã *Swedenborgian* (Nova Igreja) e do professor, juiz e orador Charles Carroll Bonney.

¹⁰ Esses dois conceitos não são entendidos aqui como delimitações geográficas, mas como construções discursivas em relação ao outro (Said, 1990).

¹¹ Literalmente, "cântico do Senhor". É considerado "o mais antigo e o mais popular de todos os textos de Yoga, que contém os ensinamentos transmitidos a Arjuna pelo Senhor Krishna" (Feuerstein, 2006: 540).

com essa influência, concomitante à beatitude hindu de sua mãe. Tais características o levaram a se aproximar de uma corrente de reforma do hinduísmo, Brahmo Samaj que, como vimos, entre outras coisas postulava a existência de um Deus amorfo e um ideal mais igualitário da sociedade. Na universidade teve a oportunidade de conhecer novos pontos de vista através de seus professores e da leitura de escritores ocidentais¹², fato que teria aumentado seus questionamentos a respeito de Deus e do propósito da vida.

Foi na universidade de Calcutá, através do professor W. Hastie, que ouviu falar pela primeira vez sobre sri Ramakrishna¹³. Tal fato lhe chamou a atenção e em 1881, aos 18 anos de idade, Narendra foi à procura do referenciado mestre, que na época morava no templo de Kali, em Dakshineswar, no leste da Índia. Já no primeiro encontro, teria feito a mesma indagação já feita a outros preceptores espirituais: "O senhor já viu Deus?", no que o guru respondeu de forma afirmativa e complementou dizendo, "O vejo tão claramente quanto vejo você, só que de uma forma muito mais intensa" (Biografia, 2017). Conta-se que foi uma experiência muito impactante na vida do jovem Narendra e que a partir de então ele passou a fazer parte do seu discipulado, estabelecendo laços de amizade com os demais discípulos de sri Ramakrishna.

Três anos depois, Narendra foi surpreendido pela morte repentina de seu pai e a partir de então teve que assumir as responsabilidades financeiras da sua família. Nesse mesmo ano, em 1884, sri Ramakrishna adoeceu, sendo diagnosticado com câncer na garganta. Foi quando o guru se mudou para uma casa alugada no norte de Calcutá e seus discípulos dedicaram-se ao seu cuidado, tendo Narendra assumido a certa altura o papel de líder desse discipulado. Mesmo com os cuidados dos discípulos, sri Ramakrishna faleceu em 16 de agosto de 1886. Antes disso, além dos ensinamentos que marcaram o pensamento de Narendra, o guru já havia lançado as sementes da nova

¹² Entre as leituras influentes, cita-se John Stuart Mill, Herbert Spencer, David Hume, Emmanuel Kant, Baruch Spinoza, George W. F. Hegel, Artur Schopenhauer, Auguste Comte e Charles Darwin. Tamanho seu interesse por Herbet Spencer e seu evolucionismo, que traduziu para o Bengali a obra "On Education".

¹³ Sri Ramakrishna Paramahansa (1836-1886) foi guru de Vivekananda e seu professor de Advaita Vedanta (não-dual).

ordem monástica que seria fundada. Sri Ramakrishna deu instruções específicas a Narendra sobre a constituição dessa ordem e distribuiu aos discípulos as vestes ocres usadas pelos monges indianos. Em seus momentos derradeiros, já incapacitado de falar, teria deixado escrito, "Narendra ensinará aos outros" (Biografia, 2017), destinando ao jovem discípulo a liderança da ordem que se formaria.

Após o falecimento do guru, quinze discípulos começaram a viver juntos em uma casa, também no norte de Calcutá. Assumindo as responsabilidades designadas por seu mestre, Narendra liderou a fundação dessa nova ordem monástica, a Ordem Ramakrishna, em 1887, onde todos fizeram os votos formais de renúncia.

Nasce Vivekananda

Tendo assumido a missão designada por seu mestre, em 1890, após ter recebido a bênçãos de Sri Sarada Devi, a consorte de Sri Ramakrishna, Vivekananda deixou o monastério em Baranagore e iniciou uma jornada de peregrinação solitária pela Índia, com a intenção de conhecer as condições de vida de seus conterrâneos. Conta-se que o jovem ficou profundamente tocado pelas condições precárias de existência da maior parte da população indiana. Há quem considere ele como "o primeiro líder religioso da Índia a entender e a declarar abertamente que a real causa da decadência da Índia era a negligência ao apelo dos mais pobres e necessitados" (Swami, c2019). A partir dessa experiência, seus esforços se voltaram para a efetivação da ajuda a essas pessoas que, em seu entendimento, precisavam de auxílio material, mas também de palavras que infundissem em suas mentes confiança e fé em si mesmas. Para ele, essa população carente precisava de dois tipos de conhecimento: o secular, para melhorar suas condições de vida e o conhecimento espiritual, "para despertar a sua fé interior, e assim fortalecer o seu sentido moral" (Swami, c2019). Com essa perspectiva, Narendra teria considerado que o melhor caminho para atingir seus objetivos seria a educação e, para isso, precisava fundar uma instituição de base dessas ações.

No período de idealização dessa instituição, Vivekananda teve a oportunidade de ir para a América do Norte para participar do supracitado Parlamento das Religiões. Na ocasião, não contou com apoio financeiro do governo ou de alguma organização. O monge teria conseguido viabilizar sua viagem além-mar através de fundos conseguidos por seus discípulos e, também, por doação feita pelo Raja de Khetri, "que forneceu a ele a passagem, roupas e algum dinheiro" (Nikhilananda, 2007: 23). Vivekananda teria vislumbrado nessa viagem a oportunidade de disseminar sua mensagem e angariar financiamentos aos seus projetos. Após o evento, o jovem monge de apenas trinta anos de idade permaneceu mais três anos e meio (1893-1897) ensinando yoga e vedanta entre os ocidentais.

No dia 11 de setembro, como representante da Índia e do hinduísmo, Vivekananda discursou brevemente, pela primeira vez, onde teria sido ovacionado por cerca de sete mil pessoas durante dois minutos após iniciar sua fala dizendo "Irmãs e irmãos da América". Vivekananda se tornou uma figura destacável no Parlamento e seus discursos tiveram significativa receptividade, muito possivelmente por apresentar os ensinamentos espirituais de forma universal e não-dogmática. Em sua fala de estreia, disse "Eu tenho orgulho de pertencer a uma religião que ensinou ao mundo a tolerância e a aceitação universais. Nós não acreditamos apenas na tolerância universal, como também aceitamos todas as religiões como verdadeiras" (Adiswarananda, 2007: 68). Todos os seus discursos proferidos no Parlamento estão baseados nas premissas de aceitação e respeito da diversidade religiosa e o repúdio a qualquer fanatismo. Sua breve fala no primeiro dia terminou em conotação esperançosa,

[...] eu espero com fervor que o sino que dobrou nesta manhã em honra desta convenção possa ser o dobrar da morte de todo fanatismo, de todas as perseguições com a espada ou com a pena e de todos os sentimentos não caridosos entre pessoas dirigindo-se a um mesmo objetivo (Vivekananda *apud* Adiswarananda, 2007: 69).

Alguns dias depois, em 30 de setembro de 1893, o jornal diário *Boston Evening Transcript*¹⁴ publicou um artigo intitulado "Hindus na feira", onde apresentava Vivekananda como sendo a figura mais notável do Parlamento e ainda fornecia uma descrição física do monge e suas vestes exóticas:

Ele é um homem grande e bem desenvolvido, com uma soberba bagagem do hinduístani, seu rosto barbeado, suas feições comuns moldadas de modo quadrado, dentes brancos e com lábios bem delineados separados em um sorriso benevolente enquanto conversa. Sua cabeça bem equilibrada é coroada com um turbante verde-limão ou vermelho e seu manto (não é o nome técnico para essa vestimenta), com um cinto na cintura e terminando abaixo de seus joelhos, alterna um laranja brilhante e um rico vermelho. Ele fala um inglês excelente e responde de pronto quaisquer questões perguntadas com sinceridade (Ibid, 2007: 145).

Após a experiência no Parlamento, Vivekananda ainda deu inúmeras conferências na América do Norte e na Inglaterra, por cerca de dois anos, depois passou a dar aulas privadas e abertas sobre vedanta e yoga, angariando discípulos por diversos estados.

O periódico norte americano *Northampton Daily Herald* publicou em 16 de abril de 1894 o artigo "Uma noite com nossos primos hindus", onde afirmava que

[...] ver e ouvir Swami Vivekananda é uma oportunidade que nenhum americano inteligente e honesto deveria perder, se você se importar em ver uma luz brilhante do melhor produto da cultura espiritual, moral e mental de uma raça que conta sua idade em milhares enquanto nós contamos a nossa em centenas e é merecedora do estudo de toda mente. Na tarde de domingo [15 de abril], o distinto hindu falou aos estudantes da faculdade Smith no serviço vespertino, sendo seu tema a Paternidade de Deus e a Fraternidade do homem, e que o discurso causou uma profunda impressão foi evidenciado pelo relato de cada ouvinte, a mais ampla liberalidade do sentimento e preceitos religiosos verdadeiros caracterizam toda a tendência de pensamento (Ibid, 2007: 148).

As matérias caracterizam Vivekananda quase sempre pelo seu discurso universalista e não-sectário. O público de suas palestras parecia ser composto por "pregadores e professores, médicos e filósofos, cidadãos e estudantes"

¹⁴ Este diário esteve em funcionamento de 24 de julho de 1830 a 30 de abril de 1941.

(Ibid, 2007: 148), portanto, por indivíduos do universo letrado. Discursou em diversos auditórios, como no *Auditorium Memphis, Hardman Hall, Madison Square Garden* e, também, nas conceituadas *Harvard University* e *Columbia University*. Essas palestras lhe conferiram convites para chefiar o Departamento de Filosofia Oriental de Harvard e uma posição similar em Columbia, ambos recusados.

Discursou também em espaços de instituições religiosas, como informa o *Washington Post* de 29 de outubro de 1894, no artigo "Todas as religiões são boas".

Sr. Kananda discursou ontem na People's Church [Igreja do povo] a convite do dr. Kent, pastor da igreja. Sua fala da manhã foi um sermão comum, lidando com o lado espiritual da religião e apresentando, para seitas ortodoxas, a proposição um tanto original de que há bem na fundação de toda religião, que todas as religiões, como as línguas, descendem de uma origem comum e que cada uma é boa em seus aspectos corporais e espirituais enquanto for mantida livre de dogma e fossilismo (Ibid, 2007: 149).

Novamente o destaque foi dado a concepção de unidade entre as religiões, o não-dogmatismo e o não-sectarismo presentes em suas falas. Como representante da Índia e do hinduísmo, Vivekananda transitou nesses espaços institucionais de religiões cristãs e por diversas vezes fez uso de metáforas bíblicas para ser mais compreendido e aceito pelos ocidentais. Diversas matérias se referem ao Vivekananda como um exímio orador e portador de uma intelectualidade admirável. No *The Critic*, de 8 de outubro de 1893, ele é representado como "um orador por direito divino e com rosto forte e inteligente nessa moldura pitoresca de amarelo e laranja [...]" (Ibid, 2007: 147). Ainda que seus discursos não se baseassem na crítica às outras religiões, algumas passagens deixam claro sua crítica ao cristianismo que pregava como realização espiritual a conquista da prosperidade material.

Se você quer viver, volte para Cristo. Vocês não são cristãos. Não, como uma nação vocês não são. Voltem para Cristo. Voltem para ele que não tinha onde deitar sua cabeça. A religião de vocês pregava em nome do luxo. Que ironia do destino! Revertam isso se quiserem viver; revertam isso. Vocês não podem servir a Deus e a Mammon ao mesmo tempo. Toda essa prosperidade - tudo isso de Cristo! Cristo

teria negado todas essas heresias. Se você juntar esses dois, essa prosperidade maravilhosa com o ideal de Cristo; está tudo muito bom; mas se você não puder, é melhor voltar a ele e desistir dessas buscas vãs. É melhor estar pronto para viver em trapos com Cristo do que viver em palácios sem ele (Ibid, 2007: 149).

Esse ponto de convergência entre o cristianismo e o hinduísmo por meio de Vivekananda, está presente na sua formação familiar e depois por intermédio de seu mestre, que professava a concepção de unidade das religiões e adotava em seus rituais diários elementos de diversas delas, entre as quais o cristianismo, o islamismo e o hinduísmo. Quando indagado se seu mestre fundou alguma seita, Vivekananda respondeu "Não, ele passou toda sua vida quebrando a barreira do sectarismo e do dogma" (Ibid, 2007: 150). Comumente fazia aproximações entre o cristianismo e o hinduísmo, fato que lhe rendeu muitos adeptos, mas também muitas discordâncias em função da não aceitação desse discurso universalista por alguns representantes religiosos, que deram origem a discursos de demonização que o associam à figura do anticristo, como esse: "Swami Vivekananda era completamente anticristo e, como não poderia deixar de ser, para ele os cristãos não passavam de grupos de fanáticos" (Swami, s/d).

Os discípulos mais próximos e aqueles que deram continuidade ao legado do jovem mestre estavam entre os norte-americanos, a quem chamou de "irmãs e irmãos da América". Foi lá que sua mensagem encontrou terreno fértil. Contudo, os artigos ingleses que tive acesso indicam uma boa receptividade da mensagem universalista de Vivekananda. O *Westminster Gazette*, de 23 de outubro de 1895, publicou um extenso artigo intitulado "Um Yogue Indiano em Londres". O artigo iniciava com a reflexão de que "A filosofia indiana exerceu em anos recentes uma fascinação crescente para muitas mentes, embora até os dias atuais seus expoentes neste país tenham sido ocidentais em seu pensamento e treinamento" e continuava afirmando que até então apenas alguns poucos eleitos tinham a coragem ou a intuição de buscar em "traduções pesadas", em geral, feitas por filólogos, o conhecimento sublime das tradições do oriente (Adiswarananda, 2007: 149). O texto traz à tona uma perspectiva encontrada também em outros textos que tive acesso, ou seja, a dicotomia entre o ocidente e o oriente e, também,

o uso do termo oriental para representar elementos da cultura indiana. Além disso, Vivekananda, por ser um indiano representado como um intelectual, é dotado de uma voz autorizada para falar sobre a espiritualidade do oriente, não só do hinduísmo.

Muito embora seus discursos estivessem voltados ao hinduísmo e ao vedanta, ele proferiu palestra e publicou livros sobre o yoga¹⁵, que foi apresentado ao público norte-americano como uma espécie de ciência, “como um conjunto racional de técnicas que ajudasse a resolver os problemas concretos da vida moderna, e não uma ideologia mística que isolasse o indivíduo da sociedade e dos seus problemas” (Almeida, 2003: 57).

Vivekananda apresentou o yoga aos norte-americanos como um saber universal, não como uma propriedade da Índia e dos indianos. Após anos exaustivos de trabalho, Vivekananda retornou à Índia em 15 de janeiro de 1897, recebendo aclamação pública em diversas cidades. Proferiu diversas palestras em Madras, onde esboçou seu plano para o renascimento espiritual e material da Índia. Em primeiro de maio desse mesmo ano, fundou a Ordem Ramakrishna e a Missão Ramakrishna, órgãos voltados à propagação da espiritualidade e prestação de serviços sociais, respectivamente.

A Missão Ramakrishna, era o lugar

em que monges e devotos (laicos) podiam trabalhar juntos pela propagação da Vedanta Prática e das várias formas de serviço social, como dirigir e prestar serviço voluntário em hospitais, escolas, faculdades, albergues, centros de desenvolvimento rural, etc. Além disso, conduzir um amplo trabalho de assistência e reabilitação para vítimas de terremotos, ciclones e outras calamidades, nas mais diferentes partes da Índia e outros países (Swami, c2019).

No ano seguinte, após adquirir um grande lote de terra à margem oeste do rio Ganges (Belur), deu início à construção da sede definitiva do

¹⁵ Em verdade, seus livros são fruto de suas conferências gravadas e posteriormente transcritas. Entre eles destacam-se: Karma Yoga - a educação da vontade (1956), Raja Yoga - o caminho real (1967), Bhakti-Yoga - o caminho da devoção (1970), Quatro Yogas de Autorrealização (1972).

monastério e da ordem monástica, ao qual nomeou de *Belur Math*. Conta-se que

Neste local Swami Vivekananda estabeleceu um novo padrão de vida monástica, que adapta os antigos ideais monásticos às condições da vida moderna, e que confere a mesma importância à iluminação pessoal e ao serviço social, e que é aberto a todos os homens e mulheres sem qualquer distinção de religião, raça ou casta (Swami, c2019).

Em junho de 1899, retornou à América do Norte proferindo uma série de palestras em Los Angeles, Pasadena, Oakland, San Francisco e Nova York. Em 1900 fundou a Sociedade Vedanta em San Francisco e participou do Congresso de História das Religiões na Feira Mundial, em Paris. Retornou ao monastério na Índia em dezembro desse mesmo ano, onde trabalhou por mais dois anos guiando a vida monástica de seus discípulos. Em 4 de julho de 1902, em *Belur Math*, faleceu pouco antes de completar 40 anos de idade.

Swami Vivekananda foi um personagem histórico central na construção e intensificação de mediações culturais entre as ideias da Índia e da América do Norte, com um discurso que propunha a unidade das religiões, o combate ao sectarismo e ao dogmatismo religioso. Suas falas buscavam sempre estabelecer uma ponte entre o ocidente e o oriente e os meios de comunicação da época atribuíam a ele uma voz autorizada a falar das ideias religiosas do oriente entre os ocidentais, tratando-o como um intelectual e mediador cultural.

O jovem monge, ao ir para o Parlamento Mundial das Religiões em Chicago, inaugurou um caminho de diálogo que seria percorrido por muitos outros indianos depois dele. Ao mesmo tempo, ao retornar para sua terra natal levando discípulos ocidentais, deu início a uma linhagem de monges que ali se radicaram e levaram aspectos de sua cultura para a Índia, formando assim uma rede de trocas culturais que se estendem até hoje.

Referências Bibliográficas

ADISWARANANDA, Swami. *Vivekananda*: professor mundial. Trad. Soraya Borges. São Paulo: Madras, 2007.

ALMEIDA, Joana Raquel Santos de. *O oriente que há em nós*. O centro Nori: um estudo de caso da prática de Yoga em Portugal. 2003. 198 p. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa: Portugal.

ÁLVAREZ, Sergio Melitón Carrasco. Brahmo Samaj, Satsamgha. In: *India Intelligence Report - Dhaneśvaradhaneśvari vidy*. nº 99, out de 2011.

BARROSO, Maria Macedo. As iogas como cultura alternativa. In: *Motriz*, v. 5, n. 2, p. 189-193, dez. 1999a.

BIOGRAFIA de Swami Vivekananda. *Youtube*, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vw4gl_i-DR0&t=862s. Acesso em: 1 de agosto de 2019.

CAMPBELL, Colin. A Orientalização do Ocidente: Reflexões sobre uma Nova Teodicéia para um Novo Milênio. In: *Religião e Sociedade*, v.18, n.1, p.5-22, ago. 1997.

FEUERSTEIN, Georg. *A tradição do yoga: história, literatura, filosofia e prática*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Pensamento, 2006.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MEHROTRA, Arvind Krishna. *A history of Indian literature in English*. C. Hurst & Co. Publishers, 2003.

NIKHILANANDA, Swami. Swami Vivekananda: Índia e América. In: ADISWARANANDA, Swami. *Vivekananda: professor mundial*. Trad. Soraya Borges. São Paulo: Madras, 2007, p. 21-42.

_____. *Vivekananda: a biography*. Ramakrishna-Vivekananda Center: New York, 1953.

NUNES, Tales. *Do corpo, a consciência; do corpo à consciência. O significado da experiência corporal em praticantes de Yoga*. 2008. 166 p. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ROLLAND, Romain. *A vida de Vivekananda (1930)*. Disponível em: <http://estudantedavedanta.net/A-Vida-de-Vivekananda-por-Romain-Rolland.pdf>. Acesso em: 17 de mar. de 2019.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Representações do intelectual*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVEIRA, Marcos Silva da. *Do Renascimento hindu à contracultura*. XXIII Encontro anual da ANPOCS, 1999.

SOARES, Gabriela Pellegrino. História das Ideias e mediações culturais: breves apontamentos. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (Orgs.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo / Humanitas, 2011, p. 87-97.

SMITH, George. *The Life of William Carey: Shoemaker and Missionary*. Cambridge University Press, 2011.

SWAMI Vivekananda. *Intellectus*, s/d. Disponível em: <http://intellectus-site.com/site1/artigos/swami-vivekananda.html>. Acesso em: 29 de mar. de 2019.

_____. *VEDANTA*, c2019. Disponível em: <https://www.vedanta.org.br/vivekananda>. Acesso em: 2 de jan. de 2019.

STRAUSS, Sarah. *Re-Orienting Yoga: Transnational Flows from the Indian Center*. Dissertação de Doutorado em Antropologia. EUA: Universidade da Pensilvânia, 1997.